

**GÊNEROS ESCRITOS E ORAIS NA SALA DE AULA:
ASPECTOS TEÓRICOS E SEQUÊNCIA DIDÁTICA
NA CONSTRUÇÃO DE UM ENSINO PROFÍCUO**

Sinthia Moreira Silva (UENF)

sinthia_moreira@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinaff@gmail.com

Monique Teixeira Crisóstomo (UENF)

monikebj@gmail.com

Rhaísa Sampaio Bretas Barreto (UENF)

rhaissabretas@hotmail.com

RESUMO

A educação como prática social deve ter por objetivo a formação integral dos sujeitos. O trabalho com gêneros orais e escritos proporciona estudar a língua em seu uso, desenvolver a oralidade, escrita e valorizar os aspectos reais extraescolares do educando. O ensino através das Sequências Didáticas (SD) proporciona êxito na aprendizagem. Este trabalho objetiva apresentar a importância do ensino dos gêneros escritos e orais na sala de aula por meio das SD. Para sua construção, realizou-se pesquisa bibliográfica, baseada em livros e artigos científicos, composta de fontes teóricas, que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. A partir das informações apuradas, pode-se concluir que o ensino realizado desta forma fará com que o educando esteja preparado para se comunicar nas mais diversas situações de interação comunicativa e com isso se tem um ensino profícuo e enriquecedor para os alunos, tornando-os capazes de lidar proficuamente com a própria realidade através de textos.

Palavras-chave:

Ensino profícuo. Sequência didática. Gêneros escritos e orais.

ABSTRACT

Education as a social practice should aim at the integral training of subjects. The work with oral and written genres allows to study the language in its use, to develop the orality, writing and to value the real extra-school aspects of the student. Teaching through Didactic Sequences (SD) provides successful learning. This work aims to present the importance of teaching written and oral genres in the classroom through SD. For its construction, bibliographical research was carried out, based on books and scientific articles, composed of theoretical sources, which support the search for answers on the topic addressed. From the information obtained, it can be concluded that the teaching carried out in this way will make the student be prepared to communicate in the most diverse situations of communicative interaction and with that there is a fruitful and enriching teaching for students, making them able to deal proficiently with reality itself through texts.

Keywords:

Following teaching. Profitable teaching. Oral and written genres.

1. Introdução

No dia a dia, quase todas as pessoas tem a sua rotina. E é nesse modelo de vivência que se encontra uma gama de textos a qual se pode chamar de gêneros. Por exemplo, quando alguém acorda pela manhã e pega um jornal ou revista para saber das últimas novidades enquanto toma café. Em seguida, vai à caixa de correio e descobre que recebeu vários folhetos de propaganda e também uma carta de um amigo que está morando bem distante. Depois, vai para a faculdade e decide separar uns livros para uma determinada pesquisa. Já no final do dia, retorna para casa, pega uma coletânea de poemas na estante e lê alguns antes de dormir. Essa soma de textos escritos, com seus formatos e suportes próprio e possíveis de leitura, configura diferentes tipos de gêneros. Nesse sentido, se o texto tem uma função comunicativa, inclui-se num tipo de gênero.

Com isso, em sala de aula, não faz sentido o professor pedir aos educandos que escrevam só para ele mesmo ler (e avaliar) ou que façam uma exposição oral para trabalhar determinados temas e, assim, “passar o tempo” da aula, possibilitando-lhe um descanso. Sem recepção nenhuma comunicação faz sentido. Por isso, quando alguém redige uma carta, é porque outra pessoa irá recebê-la e se alguém faz uma exposição oral é para que determinado assunto seja estudado, passado e abordado. Em se tratando de uma notícia, ela é emitida porque muitos irão lê-la e assim por diante. Assim também se dá com a escrita literária (um conto, uma crônica, um romance). Espera-se que o leitor se emocione ou simplesmente se entretenha. E isso é perfeitamente possível de se realizar na sala de aula, na escola, entre os colegas de turma: produção coletiva pelos estudantes, mostrando a diferença entre tratar os gêneros como conteúdos em si e ensiná-los no interior das práticas de leitura e escrita.

No processo de aprendizagem, são inúmeras as perspectivas que visam sistematizar os procedimentos de ensino de língua materna. A incorporação dos gêneros textuais (GTs) como objeto de ensino tem-se revelado um importante aliado neste processo, uma vez que se acredita em sua contribuição para o desenvolvimento da linguagem e, ainda, que determinadas práticas ampliam tanto a competência leitora, quanto a capacidade de produção textual e o conhecimento gramatical da língua.

As novas concepções de linguagem – apresentadas por muitos pesquisadores na área da linguagem nos textos das orientações metodológicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) – reconhecem a necessidade de implementação de novas estratégias de aprendizagem, privilegiando a prática cotidiana do ensino e considerando a capacidade de aprendizagem de cada educando.

A Sequência Didática (SD) seria uma dessas novas estratégias para trabalhar com o ensino de língua materna. Criada por Schneuwly e Dolz (2004), trata-se de um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um GT, oral ou escrito, com a intenção de atingir determinado objetivo didático. Sua finalidade é auxiliar os alunos a se apropriarem dos gêneros, permitindo-lhes que usem melhor a língua em situações socioverbais da vida escolar e extraescolar.

Presume-se que, por meio desta estratégia, haja um avanço na apropriação do ensino, uma vez que conta com as devidas intervenções dos docentes. Trabalhando o ensino de língua por meio das SD, o aluno que apresenta debilidade em algum conhecimento específico, no momento de preparação das atividades para trabalhar com determinado tema, contará com a intervenção do professor/mediador na melhoria no processo de ensino e aprendizagem, propondo situações direcionadas ao fortalecimento do(s) ponto(s) fraco(s) e a reflexões em prol da formação do sujeito protagonista.

O objetivo deste artigo é apresentar a importância do ensino dos gêneros escritos e orais na sala de aula por meio das SD. Na construção deste trabalho, realizou-se pesquisa bibliográfica em sites da internet e artigos científicos que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. Nesse empenho, destacam-se autores como Schneuwly (2004), Dolz; Noverraz; Schneuwly(2004), Marcuschi (2011), Bakhtin (2000), Rojo (2015), entre outros.

O desenvolvimento deste artigo é composto de duas seções interligadas entre si. Na primeira, discorre-se sobre o quão é indispensável ao professor de língua materna trabalhar suas aulas partindo dos GTs. A segunda seção traz esclarecimentos pertinentes às estratégias de trabalho com os gêneros possibilitadas pelas SD.

2. A importância dos gêneros no ensino de língua materna

Partindo da compreensão de que a palavra consiste em unidade de significado e o texto em uma unidade de sentido e de comunicação, e considerando também a proposta apresentada pelos PCNs, defendemos que o texto deve ser o elemento principal no ensino de língua, tendo sempre o cuidado de ajustá-lo ao nível de conhecimento da série em questão. Nesse contexto, sugerimos que o professor selecione variados tipos de texto, em conformidade com as intenções e finalidades dos atos comunicativos, nas diferentes instâncias de aprendizagem, trabalhando seus efeitos de sentido na realidade cotidiana.

Os PCNs de Língua Portuguesa (LP) (BRASIL, 1998) abordam a língua a partir de uma perspectiva sociointeracionista da linguagem e propõem o trabalho com GT como objeto de ensino na prática de leitura/produção e sugerem, como concretização de um gênero, o texto oral e escrito, defendendo os gêneros como fortes aliados no processo de ensino da LP. Foi com essa proposta que o contexto de uso e a esfera de circulação dos GTs ganharam mais veemência no ensino da língua que, até então, prevalecia: o estudo da forma e do conteúdo descontextualizados.

A BNCC (BRASIL, 2017) atenta para o trabalho em LP com a perspectiva crítico-reflexiva no processo de admissão e produção dos gêneros na escola; ademais, levanta uma discussão para a questão da autoria do que se produz na *Web* e para a imposição de se rediscutirem as fronteiras entre público e privado, considerando as práticas contemporâneas de linguagem. Dessa forma, o texto ganhará centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos.

Para trabalhar a LP seguindo as orientações da BNCC, o professor precisa ter clara as concepções de gêneros de autores consagrados pela literatura. De acordo com Bakhtin (2000, p. 282), “Os gêneros textuais nos são dados quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, que dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”. Para Marcushi (2011, p. 149), “São formas de ação social... São um artefato cultural importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade”. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 6), “é através dos gêneros que as práticas de linguagem se encarnam nas atividades dos aprendizes”. Na concepção de Rojo (2015, p.16) “são entidades que funcionam em nossa vida cotidiana ou pública, para nos comunicar e para interagir com outras pessoas”.

Quando se fala em GTs, portanto, está se referindo às noções de língua e linguagem. A construção desses termos importa na maneira de pensar em um ensino de Língua Materna mais crítico e reflexivo, que possibilite ao aluno, uma atuação ativa em seus próprios processos de aprendizagem, fazendo com que ele se torne o protagonista desse processo de ensino.

Partimos do pressuposto de que o aluno é um sujeito ativo, que constrói o seu próprio conhecimento e que, quando chega à escola, já possui uma bagagem de conhecimentos, faltando-lhe apenas os conhecimentos sistemáticos. Assim cientes, quando nos concentramos participar desse processo sistematizado de ensino–aprendizagem, temos de conectá-los aos conhecimentos prévios do aluno. Para tanto, precisamos lançar mão de textos em sala de aula, isto é, materializado em um determinado gênero. A partir das experiências com a diversidade de gêneros é possível ao aluno dialogar com as suas experiências reais, linguísticas, e quanto maior é o seu contato com a diversidade maior será a perspectiva de ampliação de suas competências.

Para Rojo (2015, p. 17), “os gêneros discursivos permeiam a nossa vida diária e organizam a nossa comunicação”. Assim, todas as falas, cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero discursivo; e, “enquanto elemento comunicativo, estabelece uma construção histórico-social, atuando como uma interpretação de mundo, uma reconstrução ou ressignificação de uma realidade social” (CASSETARI, 2012, p. 7). Percebe-se por esses excertos, que é através dos textos que se chega ao discurso; e este, por meio da linguagem e da realidade social do ser humano. Então, a produção discursiva e a comunicação linguística não devem ser abordadas separadamente como unidades isoladas. Afinal,

Na ótica do ensino, os gêneros constituem um ponto de referência concreto para os alunos. Em relação à extrema variedade das práticas de linguagens, os gêneros podem ser considerados entidades intermediárias, permitindo estabilizar os elementos formais e rituais das práticas. Assim, o trabalho sobre os gêneros dota os alunos de meios de análise das condições sociais efetivas de produção e de recepção de textos. (DOLZ; NOVERAZ; SCHNEUWLY, 2004)

Percebe-se, pois, que um ensino voltado para o trabalho com os GTs, de modo particular, no domínio do ensino da produção de textos escritos e orais, só tem a acrescentar na formação dos educandos, uma vez que valoriza a língua em real situação de comunicação, utilizado, como meio de articulação entre as práticas sociais, as variadas formas na prática. Corroboramos que

O estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como *entidades dinâmicas*, cujos limites e demarcação se tornam fluidos. (MARCUSCHI, 2011, p.151)

Destarte, o trabalho realizado com os GTs vai muito além de estudar as variadas maneiras e estruturas de como um determinado texto se apresenta, e sim estudar como o texto exerce uma função em determinada situação.

3. Estratégias para trabalhar os gêneros na prática: as sequências didáticas

Uma proposta de trabalho com GTs deve levar em consideração as condições que cada texto possui com as suas determinadas características. Isso significa que, em primeiro lugar, vem a escolha do gênero; depois, a apresentação inicial, e aqui, o primeiro passo, na proposta da SD, é que o professor já comece a fazer o aluno pensar nisto: para quem, para que, e qual o modo ou o veículo que vai fazer esse texto circular.

Um grande objeto de interlocução como é o texto não pode deixar de ser pensado em como ser bem trabalhado. Enquanto as palavras postas no papel ficam aguardando os olhos do professor, aquelas expostas em um debate de ideias esperam um retorno de sua apresentação. Assim, aquelas palavras que são trabalhadas e avaliadas *apenas* sob a ótica de perceber “erros” podem não proporcionar um ensino profícuo, já que o aluno – por não ter passado por etapas de planejamento, rascunhos, ensaios, entre outras coisas – só vai reproduzir o texto para ser avaliado pelo professor, seu único leitor.

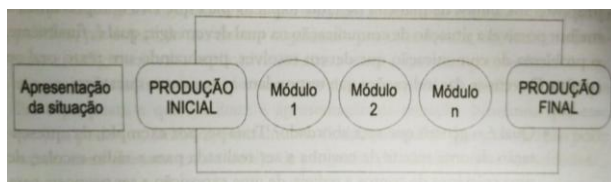
Por certo, o ensino mediado por gêneros precisa de uma didatização para facilitar a apropriação deles por parte dos alunos. Urge que essa proposta seja entendida e colocada em prática pelo professor de LP e que ela faça parte do seu planejamento. Talvez o aluno não perceba que está estudando num processo de SD, mas o importante é que ele está envolvido numa abordagem de ensino e aprendizagem que o torna construtor de conhecimentos, autor de diversos GT. Para o aprendizado profícuo se realizar, carece que o professor mediador saiba programar aquele estudo e fazer uso desse dispositivo didático, a SD, a qual

[...] se mostra não só como uma ferramenta de trabalho escolar a serviço da produção oral e escrita, mas também como uma ferramenta que permite uma melhor compreensão dos obstáculos enfrentados no oral e na escrita, de modo a favorecer o controle consistente dos processos implicados na produção oral ou escrita de um texto. (DOLZ; GAGNON, 2015, p. 42-3)

Essa estratégia de trabalho com os gêneros na prática propicia ao professor-mediador uma organização para desempenhar suas funções e faz com que o aluno-mediador domine suas produções de forma gradual, planejando, rascunhando, preenchendo as lacunas gramaticais, reescrevendo em uma sequência.

É pela SD que, para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), o docente pode “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto”. O trabalho será gradual. O professor poderá fazer as ações seguindo o esquema a seguir:

Figura 1: Esquema da SD.



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83).

Traduzindo a imagem e a proposta, de forma resumida, para a prática docente, pontua-se que haverá, na apresentação da situação, um detalhamento da tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar. A partir dessa situação apresentada, os alunos farão a primeira produção, que já permitirá ao professor avaliar os conhecimentos que têm e aplicar os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais da turma. Esses exercícios constituirão os módulos ou oficinas, que promoverão trabalhos para o uso dos gêneros em situações comunicativas. O último passo da sequência é a produção final, na qual o aluno colocará em prática o aprendizado do gênero com a SD.

As SD são estratégias para trabalhar o ensino de língua materna de forma profícua, mas não são as únicas. Há projetos que talvez tenham um volume maior de atividades, que demandam mais dias de aplicação, mais profissionais envolvidos. Seja como for, o trabalho com a SD implica planejamento pedagógico e didatização de conteúdos para que o

processo seja bem desenvolvido e para que tenha como meta o objetivo último no ensino da LP, que é, segundo Antunes (2003), “a ampliação da competência comunicativa do aluno para falar, ouvir, ler e escrever textos fluentes, adequados e socialmente relevantes”.

4. Considerações finais

A atividade linguística do ser humano vai muito além das amarras gramaticais, das notas apresentadas pelos professores ao corrigirem os textos escritos ou ao avaliarem seminários. Assim, para além disso, o ensino de língua materna e, conseqüentemente dos gêneros escritos e orais nas salas de aula deve refletir os usos desses textos no dia a dia.

Desse modo, a reflexão dos usos deve ser feita partindo de estratégias para trabalhar os gêneros escritos e orais na prática, como orienta a organização de SD: considerar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero; conduzi-los ao planejamento da produção textual, um rascunho; aplicar exercícios em módulos ou oficinas que aprimorem o conhecimento, ensaio e a feitura de uma produção final, com mais segurança e propriedade do assunto e do gênero em questão.

A partir das informações apuradas pode-se concluir que, o ensino realizado desta forma, fará com que o educando esteja preparado para se comunicar nas mais diversas situações de interação comunicativa e com isso teremos um ensino profícuo e enriquecedor para os alunos; um ensino direcionado a capacitar os alunos a lidarem proficientemente com a própria realidade através de textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Ministério de Estado da Educação. Base Nacional Comum Curricular, Brasília-DF: MEC, 2017.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, Língua Portuguesa. Brasília-DF: MEC/SEF, 1998.

CASSETARI, Marcel Innocenti. Tipo, gênero textual e gênero do discurso: em busca de uma definição para o ensino. *Diálogo das Letras, Pauses dos Ferros*, v. 1, n. 02, p. 132-51, julho/dezembro de 2012. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/305/193>. Acesso em: 25 de nov de 2020.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane. O gênero de texto, uma ferramenta didática para desenvolver a linguagem oral e escrita. In: BUENO, L.; COSTA-HUBES, T. C. (Orgs). *Gêneros Oraís no ensino*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2015.

DOLZ, Joaquim, NOVERRAZ, Miclèle, e SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011.

ROJO, Roxane Helena R. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.